

ANTOINE ROUAUD

O LIVRO E
A ESPADA





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*A Greg, meu amigo, meu irmão,
cujo apoio e amizade, apesar da
distância, fizeram com que
eu nunca parasse de escrever.*

PARTE I



1

UM CHEIRO DE LAVANDA

*Chega um dia em nossa vida,
o cruzamento daquilo que fomos
com aquilo que somos e aquilo que seremos.
Nesse momento, ao término de tudo,
é que decidimos qual será o nosso fim.
Com orgulho ou vergonha da trajetória percorrida.*

E s it allae, Es it alle en, Es it allarae.

“O que foste, o que és, o que serás.” Esse era o lema da cidade portuária. Pouco importava qual havia sido seu verdadeiro significado: o mais humilde dos viajantes o conhecia, mesmo sem nunca ter estado ali. Ao sul dos antigos reinos, Massália sempre fora a cidade onde tudo era possível.

A começar por sua posição geográfica. Situada nos confins do mundo, distante da cidade imperial, constituía o derradeiro vestígio de civilização antes do oceano do Oeste, até então inexplorado. De seu porto zarpavam diversos navios mercantes rumo às ilhas Súdias ou, costeando o litoral, em direção às cidades do Norte.

E também por sua história. A cidade fora tantas vezes sitiada, e por tantos reinos, que já nem possuía arquitetura própria. Cada bairro trazia a marca de sucessivos governos, desde as altas torres quadradas do período Aztene, caracterizadas por seus cimos ornados de chifres de dragão, até as altivas casas da dinastia Cagliere e suas sacadas floridas, sem esquecer as três catedrais da Ordem de Fangol, duas delas erguidas sobre os despojos ainda fumegantes de templos pagãos. Pouco importava de onde você vinha, quem era, o que podia vir a ser. Massália era feita da história de todos os reinos antigos.

Alguns diziam: “Rico ou pobre, fraco ou poderoso, você que foge do restante do mundo pode estar certo de que aqui, na encruzilhada dos povos, só tem a ganhar.”

Nada era capaz de abalar os sonhos que uma simples menção a Massália suscitava. Nem a chuva forte que desabava sobre as telhas vermelhas. Nem a lama que ela arrastava pelas vielas estreitas. E muito menos a fachada de pedras gastas daquela estranha construção, cujas janelas abertas permitiam ouvir a algazarra de animados beberões.

– Tem certeza de que é aqui? – perguntou uma voz rouca.

Por baixo do grande capuz, Viola ergueu ligeiramente a cabeça para observar a porta da taberna. Gotas de chuva escorreram devagar pelas lentes de seus óculos redondos, embaçando a visão das janelas iluminadas. Ela assentiu e avançou. As botas afundaram na lama com um chiado desagradável. Sua sombra esbelta na porta de madeira de repente foi encoberta pela do homem atrás dela. Viola hesitou, a mão na pesada maçaneta de ferro. Filetes de chuva escorriam pelo metal negro salpicado de ferrugem.

Você que foge do restante do mundo...

Ela não podia mais recuar. Estava com a boca seca, mas não podia. Sabia que naquela taberna encontraria quem procurava. O pigarrear de seu companheiro a despertou do devaneio. Com um gesto brusco, agarrou e moveu a maçaneta.

... pode estar certo de que aqui, na encruzilhada dos povos, só tem a ganhar.

O ar fresco se dissipou nas espirais de fumaça acre que subiam até o teto. A cadência das gotas caindo no chão desapareceu ao som das vozes e dos risos. Um relâmpago lançou um fugidio véu sobre os ombros corpulentos e a cabeça calva do homem. Ele fechou a porta antes de seguir Viola. Por fim, surgiu à luz dos lampiões a óleo. Uma criada parou diante dele, por pouco não derrubando a bandeja. Observava, estupefata, as tatuagens que cobriam sua pele morena, serpenteando graciosamente pelas mínimas protuberâncias do rosto. Ele sustentou o olhar por um instante, até que ela resolveu servir uma mesa próxima. Os velhos mercadores de trajes sem graça aplaudiram a chegada da criada.

Os tempos haviam mudado. Os nâagas já não assustavam ninguém. Afinal, o que havia de tão surpreendente em um Selvagem estar naquela cidade, ainda mais na periferia? Se o Império se constituíra apenas de homens civilizados, a República se gabava de abrir as portas para qualquer um... ou qualquer coisa.

Ele percorreu a sala com um olhar desconfiado. Embora os viajantes fossem, em sua maioria, mercadores de pequenas cidades do Oeste, em Massália apenas a negócios, também havia outros, de um tipo bem diferente. Soltou um grunhido ao ver Viola abrindo caminho entre os clientes sem sequer esperar por ele.

Conhecia aqueles lugares, os bandidos que ali se entocavam, o perigo que um simples olhar mal interpretado podia desencadear.

Quando a alcançou, ela já tinha chegado ao balcão e mostrava um pedaço de papel amassado a um homem de rosto redondo. Enquanto o ajeitava para ler melhor, o taberneiro passou a mão na testa calva, perolada de suor, e fez uma careta, perplexo, deixando à mostra os três dentes que lhe restavam.

– Dun... Dun... – pensou em voz alta. – Ah, claro, é que a gente fala Dan! É um sujeito lá do Oeste. Eu não estava entendendo... Porque a gente fala Dan, mas escreve Dun. Típico do pessoal do Oeste. Vai entender, eles não são como a gente.

– Esse Dun... ele está aqui? – perguntou Viola.

O taberneiro arqueou a sobancelha e examinou primeiro a moça, depois o nâga, que, à sua direita, apoiava os cotovelos no balcão. Aquele rosto tão sombrio e as serpentes tão negras que pareciam dançar na pele lisa deixavam-no pouco à vontade. Não se acostumava com aquilo, mas por que deveria rejeitar um novo cliente ou arriscar uma briga? Com um gesto nervoso, tentou ajeitar acima da orelha uma mecha do cabelo grisalho emaranhado. A mulher ainda estava com o grande capuz, uma sombra ocultando a parte superior de seu rosto. Mal se vislumbrava o clarão de um lampião refletido nas lentes dos óculos.

– Quem são vocês? – resmungou, fitando o cabo da clava que se projetava acima das costas do gigante. – Não quero confusão por aqui.

– Não viemos criar confusão – garantiu Viola. – Rogant é apenas meu... protetor – acrescentou, tirando o capuz lentamente e esboçando um sorriso.

A desconfiança do taberneiro se desfez ao ver o rosto de traços delicados. Por trás das lentes dos pequenos óculos redondos, os olhos eram amendoados e verde-escuros. Nas maçãs do rosto, sardas salpicavam a pele leitosa, de uma brancura que realçava o cabelo de um vermelho intenso, preso em coque, duas mechas rebeldes junto às orelhas.

– O senhor certamente entende que, sem ele nesta parte da cidade, quem pode se meter em confusão... sou eu.

Ela era bonita, tinha apenas 20 anos. Uma presa fácil para algum crápula escondido na escuridão das vielas. Nas bordas de sua capelina havia finas ondas douradas caprichosamente bordadas. Se não era uma sobrevivente do expurgo que se seguira à queda do Império, então fazia parte dos emergentes republicanos.

– Dun é apenas um velho – explicou o taberneiro enxugando as mãos úmidas num pano imundo. – É meio maluco, mas nunca fez mal a ninguém...

– Eu já falei que não viemos aqui para criar confusão...

– Tudo bem. Ele diz que já foi soldado, mas não é perigoso, sabe...

– Eu só queria conversar com ele – insistiu Viola suavemente, pronunciando bem cada palavra.

– Lembro que, cinco anos atrás, também quiseram “só” falar com um cara como o Dun – rebateu o taberneiro com um olhar severo. – E sabe o que aconteceu? No dia seguinte foi enforcado em praça pública, sob o clamor da multidão.

– O expurgo acabou – garantiu a moça, com ar constrangido.

O taberneiro trocou um olhar com o nâaga. Nada em seus olhos negros indicava qualquer artimanha.

– É o que dizem – murmurou o homem.

Ele enxugou a testa e aguardou um instante, como se avaliasse as consequências de uma eventual delação. Como se questionasse se não era melhor mentir. Quando ergueu a cabeça, parecia tristonho. Ele próprio dera com a língua nos dentes ao mencionar o passado do velho.

– Vocês são de Êmeris, aposto minha cabeça.

– Não cortamos cabeças – afirmou Viola, contendo um estranho sorriso. – E também não enforcamos mais ninguém sem julgamento.

– Mas... alguns imperiais ainda estão sendo procurados...

O taberneiro se contraiu.

– Sim – admitiu ela com um tom que se pretendia tranquilizador. – Alguns. Mas não é por isso que estou aqui. Não acredito que Dun tenha cometido algum crime, estava apenas cumprindo ordens. Só quero conversar com ele. Basta nos dizer se ele está aqui e... juro que não vamos incomodar além do necessário.

– Nada de confusão, hein... – advertiu o taberneiro, lançando um olhar para Rogant.

– Só conversar – repetiu Viola.

O taberneiro jogou o pano sobre o ombro e procurou entre as pessoas uma figura familiar. Quando a avistou, sentada a uma mesa, apontou-a com a cabeça. Viola se virou e levou alguns segundos para ter certeza de que era ele. Trocou um olhar com o nâaga, que não lhe foi de nenhuma ajuda. Rogant se limitava a vigiar, meio apreensivo, os movimentos da clientela. A moça se despediu do taberneiro com um gesto e se embrenhou entre os clientes. Alguns olhares maliciosos a acompanharam e os homens assobiaram. Ao redor, as criadas se apressavam levando uma jarra em cada mão. Ressoavam as risadas exageradas dos comerciantes. E aquele cheiro de suor misturado com a pungência da fumaça se espalhava por todo o local. Ficou pior quando Viola chegou à mesa de Dun.

– Só umas moedinhas, Dun... Eu devolvo em dobro – suplicava um homem pequeno, segurando um chapéu com força.

– Já disse que não quero mais ver sua cara imunda na minha frente! – vociferou o sujeito sentado à mesa.

O cabelo grisalho estava salpicado de sujeira; na nuca, havia uma mancha escura. Se sua camisa algum dia fora branca, restavam nas mangas apenas uns poucos vestígios da cor original sob uma camada cinzenta e marrom. Seu gibão de couro estava todo rachado nas costas.

– Eu posso me recuperar. Quatro homens estão vindo de Serray e não entendem nada de crapô... Dun, você me conhece, posso ganhar de lavada.

– Você não devia ter falado comigo desse jeito. Eu até teria adiantado algum para você jogar. Mas ninguém fala comigo desse jeito – retrucou o sujeito, apontando um dedo acusatório para o homenzinho.

Depois moveu o braço num gesto que o fez cambalear e indicou-lhe uma mesa em que quatro gaiatos com grandes mantos púrpura cantavam a plenos pulmões.

– Pois vá falar com esses sujeitos de Serray do jeito que falou comigo – resmungou – e logo você vai estar lambendo o chão. Talvez finalmente perceba que eu sou bastante generoso. Suma daqui.

Cabisbaixo, o homenzinho virou-se e desapareceu entre os clientes. Viola sentiu a presença de Rogant às costas. Moveu rapidamente a cabeça e, por sobre o ombro, eles se entreolharam. O nâaga assentiu. Ela então contornou a mesa e se postou na frente do velho. Com as mãos segurando um largo caneco, ele ergueu as sobrancelhas ao notá-la. Dun tinha um rosto marcado pelo tempo e uma barba incipiente em volta dos lábios rachados; uma grossa cicatriz traçava uma curva embaixo do olho direito. Correspondia perfeitamente à descrição: um homem rude, cuja vida se resumira a uma longa sequência de batalhas.

– Dun?

Ele não respondeu.

– Posso me sentar? – perguntou ela, a mão no encosto da cadeira.

O velho não reagiu.

– Não vou tomar muito do seu tempo.

Ele bebeu um gole enquanto ela se sentava e quase engasgou ao ver que o nâaga se instalava à sua direita.

– O que esse Selvagem está fazendo à minha mesa? – resmungou, lançando um olhar feroz para Viola.

– Rogant é um nâaga – explicou ela secamente. – Não é um Selvagem. E a maioria deles agora é sedentária, sabia? São criaturas iguaizinhas a mim e ao senhor. – Ajeitou os óculos com o indicador antes de acrescentar: – Ele está me acompanhando.

– Um tatuado sedentário, é? – Dun suspirou. – E isso lá é desculpa para se sentar comigo sem ser convidado?

Ela sustentou seu olhar com tanta firmeza que ele o desviou para o náaga. Lutara tantas vezes contra eles que achava insuportável que a República os tolerasse. Esses bárbaros incultos tinham queimado cidades e agora vinham se estabelecer sem que ninguém se importasse. Infiltravam-se como as serpentes que tanto veneravam. E um deles estava ali sentado ao seu lado. Sua mão começou a tremer. Ele cerrou o punho.

– Dizem por aí que o senhor serviu no exército nos tempos do Império.

– Dizem coisas demais em Massália – declarou Dun, e sorveu toda a bebida do caneco.

– Eu não sou de Massália – retorquiu Viola e sorriu.

Uma criada substituiu a jarra vazia, trouxe mais dois canecos para Rogant e Viola e depois desapareceu.

– Não... é claro que não – murmurou Dun, fitando-a. – Você usa roupas finas, trabalhadas, cobertas de uma leve camada de poeira... Andou viajando... e tem berço.

– Não existe mais isso de *ter berço* desde que o Império acabou – corrigiu Viola.

– Ah, é mesmo! – ironizou ele, servindo-se de vinho. – Para a República, pouco importa o sangue. Qualquer um com determinação suficiente pode chegar lá em cima. Já ouvi falar nessas... – ele tomou um gole – ... baboseiras... – concluiu com um grunhido.

Viola trocou um olhar decepcionado com o guardião. Um breve sorriso surgiu em meio às tatuagens de Rogant.

– Meu nome é Viola. Sou historiadora no Grão-Colégio de Émeris.

– E daí? – zombou Dun, virando-se para ela com um sorriso forçado. – Vocês podiam esperar a minha morte antes de começarem a me estudar como se eu fosse uma relíquia. No meu tempo, tinha-se mais paciência.

– Eu não vim estudar *o senhor* – retrucou Viola, com uma expressão de nojo.

Ele meneou a cabeça, as sobrancelhas erguidas. Ela era bonita, embora um tanto jovem. Os óculos de intelectual e o cabelo cor de sangue com as duas mechas roçando a pele de marfim não o deixavam indiferente. Mais que isso, ela exalava um delicioso cheiro de lavanda que reavivava nele doces recordações. Com o juízo embotado pela embriaguez, por um momento sentiu-se atraente o bastante para conquistá-la. Esqueceu-se até de sua desconfiança.

– Estou à procura de uma coisa e acho que o senhor pode me ajudar a encontrá-la – explicou Viola. – Percorri os antigos reinos, conversei com muitos

mercadores, viajantes... até que um deles mencionou um antigo soldado que conheceu em Massália.

Ele suspirou, as mãos segurando o caneco, o olhar enevoado. Voltou-se para a nãga e seu rosto enrijeceu de imediato. Rogant era tão discreto que o velho quase se esquecera dele.

– E daí? – indagou Dun.

– E daí que ele disse ter ouvido, da boca desse antigo soldado, uma história surpreendente – prosseguiu ela. – Revelou que o senhor contou sobre a queda do Império e como, destacado em Émeris, teria fugido da cidade imperial...

Viola inspirou fundo, baixando os olhos, como se procurasse as palavras. Dun olhava para ela enquanto tomava mais um gole.

– ... levando a Espada do Imperador – acrescentou Viola.

Ele ficou parado, o caneco escondendo a parte inferior do rosto, o vinho escorrendo devagar dos lábios. Era como se tivesse surgido uma luz triste, um clarão fugaz em seus olhos. A algazarra da taberna pareceu se atenuar, pois em sua cabeça ressoava o tumulto de uma batalha. A agitação ambiente logo o trouxe de volta à realidade, mas seu coração estava batendo mais forte. Uma pontada no peito, dura e seca. Respirou profundamente enquanto largava o caneco na mesa, o olhar vagueando pelas ranhuras da madeira.

– Vocês estão procurando Eraed...

– Estamos procurando Eraed – confirmou Viola.

– E acham que ela está comigo.

Dun sorriu.

– Não – respondeu Viola.

Ela afastou uma das mechas com a mão enluvada. Então pegou a jarra e pôs-se a encher os canecos trazidos pela criada. O vermelho do vinho caiu sobre o ocre dos canecos feito sangue na terra. Com um olhar débil, Dun passou a mão pela barba.

– O senhor sabe onde a escondeu...

– E se naquela noite eu estivesse mentindo só para me exibir? – sugeriu Dun, coçando o queixo.

– Acho que não.

Viola sorriu.

– Você não sabe – rebateu ele.

– Tenho certeza. Disseram-me que o senhor se referiu aos territórios do Leste, para além de Vershã. Foi lá que a escondeu, não foi?

– Vamos supor que eu esteja com Eraed. O que isso interessa à República?

– Essa espada serviu à família imperial durante muitos anos e, antes dela, às famílias reais dos Caglieres, dos Perthuis, dos Majoranos... Posso continuar, se quiser.

– Não sou um grande apreciador de aulas de História – confessou ele.

– Já imaginava.

Dun desviou o olhar, perplexo.

– Essa espada representa tudo que essa sua República detesta – argumentou ele, tornando a encarar Viola.

– Essa espada supostamente é mágica. Residiu na bainha de muitos heróis... combateu dragões. Faz parte da história deste mundo, seja ele governado pelo Império ou pela República.

Os olhos de Dun se estreitaram, os lábios estremeeceram. Inclinou-se para trás com uma sonora gargalhada, chamando a atenção das mesas vizinhas. Sentada no colo de um velho mercador de aspecto frágil como um graveto seco, uma mulher forte se esforçou para ouvir a conversa. Logo foi dissuadida por um olhar sombrio do nâaga.

– Heróis? – Dun deu uma risada. – Dragões? Você está ouvindo o que diz? Ser um herói, matar dragões, é a coisa mais fácil do mundo. Você sabe o que é um dragão? Já viu algum?

Viola hesitou antes de balançar a cabeça, um pouco nervosa. Não estava gostando da zombaria do velho soldado. Mas precisava aguentar. Tinha sido avisada.

– São meros lagartos – ironizou Dun. – Uns lagartões idiotas... como os que esse seu cão de caça adora. – Virando-se para Rogant, prosseguiu: – Deixe-me adivinhar. Você e esse Selvagem vão pedir que eu vá até os territórios do Leste buscar Eraed. E, no caminho, que perigos teremos que enfrentar? – Seu tom oscilava entre o deboche e o desprezo. – Lutar contra monstros de que ninguém nunca ouviu falar, salvar castelos sitiados, matar dragões, rá rá... Você é jovem. Me lembra uma pessoa. Sempre sonhando, acreditando em grandes façanhas, imaginando um *destino a ser escrito*. É isso que vocês fazem, aliás, nessa sua... República. O mundo lhes pertence, vocês não têm medo de nada, se jogam com tudo. Na verdade, não sabem quase nada do mundo que os cerca... e quando a realidade surge... – bateu as mãos, cerrando os dentes – ... ela esmaga vocês como se fossem insetos atrevidos. Acreditam em lendas e se esforçam tentando escrever a de vocês. Acham que podem tudo, ainda na aurora da vida, porque detêm *A Verdade*. Pois vou lhe dizer uma coisa...

Com um gesto, convidou Viola a se aproximar. Inclinando-se, sussurrou:

– A escolha não é sua. Isso é se dar importância demais. Está convencida de que seu destino lhe pertence, que criar os melhores momentos só depende

de você. Pois saiba de uma coisa: o destino dos homens nunca passou de um murmúrio dos deuses. – Sem tirar os olhos de Viola, ele se endireitou, balançando a cabeça. – Nada mais que um murmúrio. Os deuses selaram nossos destinos já na criação deste mundo. Só que vocês, com essas ideias tão grandiosas, se esqueceram disso, não é? Não acreditam em mais nada. Até me espanta que ainda não tenham queimado as igrejas.

– Pense o que quiser, mas a Ordem de Fangol vem sendo respeitada.

– Vocês desconhecem o sentido da palavra “respeito” – criticou Dun, balançando a cabeça com ar de desprezo. – Vocês se esqueceram do Livro. Vocês o renegaram.

– Cada um de nós é livre para acreditar ou não. Este é um mundo novo.

– Não é o meu mundo – confessou ele, fazendo careta e lançando um olhar para o nãaga.

Ela não tinha a menor dúvida de que aquele era o homem que procurava. Talvez precisasse rever sua estratégia e mexer com seus pontos fracos para que ele baixasse a guarda.

– Quem está dizendo isso? O simples soldado bem distante da linha de frente ou o bêbado? – perguntou. – Ou ambos, quem sabe? Acho difícil distinguir. Os dois são tão covardes...

O semblante do velho se enrijeceu.

– Está me ofendendo – murmurou.

– É mesmo, Dun? O que mais eu poderia saber a seu respeito, além de que fugiu de Émeris roubando Eraed, a Espada do Imperador?

Ele não estava bêbado a ponto de se deixar levar pela raiva, nem lúcido o bastante para medir as consequências de seu gesto. Estendeu a mão e, sem que seus dedos encostassem em nada, a jarra deslizou pela mesa. Viola ficou sem fala, os olhos arregalados. Ajeitou bem devagar os óculos, como se para se certificar de que estava enxergando direito. Rogant ficou paralisado, os braços cruzados.

O Sopro. Somente grandes cavaleiros do Império souberam usar o Sopro. E, desde sua queda, poucos ainda eram capazes de demonstrá-lo. O dom tinha se perdido.

As risadas na taberna já não passavam de ecos distantes e as pessoas eram vultos fantasmagóricos. Só a jarra atraía a atenção de Rogant e Viola. Tinha mesmo se mexido. Dun afinal se deu conta de quanto aquele gesto o prejudicara. Ele, que vivia contando sua vida de soldado, revelara sua verdadeira face para uma moça vinda do Grão-Colégio de Émeris. Ela mal conhecera o Império. O que ia pensar dele? Que era um desses açougueiros dos antigos reinos, um inimigo da

República que ela defendia? Ela, que vinha para aquelas bandas escoltada por um bárbaro, um inimigo em sua antiga vida, saberia dar mostras de discernimento?

– O senhor não é um simples soldado – balbuciou Viola. – É um cavaleiro.

– Ora – disse Dun, desviando o olhar –, a cavalaria morreu junto com o Império...

Dun. Ela repetiu o nome mentalmente, tentando relembrar suas aulas de História. Dun... era um nome familiar.

– Dun-Cadal – murmurou.

Os olhos do velho brilharam de tristeza.

– O senhor é Dun-Cadal, o general Dun-Cadal, da casa Daermon – prosseguiu Viola. – Dun-Cadal, o general da batalha das Salinas, que...

– Estava distante da linha de frente, como um covarde? – interrompeu ele de supetão.

Viola não soube o que responder. A batalha das Salinas tinha entrado para a História não apenas por suas consequências, mas também, e talvez fosse o principal motivo, por sua inacreditável violência. Poucos tinham conseguido se salvar. Quanto ao general, vagueara por meses em território inimigo, até cruzar sozinho a demarcação e conseguir chegar a Émeris. Realizara grandes façanhas, mas esse ato, entre tantos, foi o que ficara gravado na memória.

– A espada está nos territórios do Leste. Pois vá buscá-la e pare de me importunar. Vá buscar o que restou do Império e a exiba para todos.

– Então o senhor admite que a empunhou...

Ele parecia alheio, o olhar fixo no vazio, as pálpebras pesadas.

– Eu admito muita coisa quando bebo. Falo coisas demais! – vociferou. – Vá, vá despejar seu fel sobre a lâmina de Eraed, e o cabo vai parecer sem brilho comparado com sua arrogância – murmurou, como que para si mesmo.

Ele não tinha nada a ver com ela, nem com o nãaga, nem com o que ele próprio fora um dia. Naquele lugar era apenas Dun, e isso já era mais que suficiente. Viola o observava com atenção, reparando em cada detalhe do seu rosto marcado pelo tempo, nas rugas que percorriam a face morena. Ele, o glorioso general, escondido na periferia de Massália. Dun não viera àquela cidade em busca de renascimento, mas da morte. Ela então notou que ele estava sentado de costas para a porta. Qualquer um poderia surpreendê-lo. Ao contar, noite após noite, que tinha sido um simples soldado do Império, talvez esperasse que alguém viesse se vingar, dando então um fim ao seu suplício.

– O senhor está aqui só esperando a morte chegar – disse Viola.

– Não espero nada que não possam me dar. Como mais uma jarra. Que tal?

Com um sorriso triste nos lábios, ajeitou com a mão trêmula o recipiente vazio. Lançou uma estranha expressão ao gigante sentado à sua direita. Como de costume, Rogant não reagiu.

– Preciso da sua ajuda – suplicou Viola. – Essa espada é muito mais importante do que pode imaginar. Tenho que encontrá-la.

No entanto, em meio à algazarra da taberna, seu pedido pareceu não ser ouvido. Passou, entre ela e o velho, a fumaça vinda do cachimbo de um homem gordo sentado a uma mesa vizinha.

– Por favor, Dun-Cadal...

Quase sem ar, ele afastou a espessa nuvem de fumaça com um movimento rápido. Era perda de tempo. Não estava mais ouvindo. Rogant se inclinou para ela e seu olhar foi eloquente o bastante para ele não precisar falar. Viola passou as mãos enluvadas pela capelina que mal tinha secado e se levantou.

– Muito bem – declarou. – Acho que não adianta ficar implorando.

Puxou o capuz lentamente. Apenas o brilho de seus olhos ainda era visível em meio à sombra que tomou seu rosto.

– Pensei que estava falando com o grande general Dun-Cadal, mas pelo jeito estava errada. Olhe só para o senhor... Não é nem a sombra do que foi um dia. Não passa de uma casca vazia, sem nenhuma dignidade, que só sabe erguer o copo com amargura. É difícil acreditar que tudo o que fez na batalha das Salinas seja verdade. Olhando para o estado do senhor, é impossível não duvidar de que tenha sido um grande homem.

Em momento algum ele ergueu os olhos para Viola.

– É... O senhor veio para cá esperar a morte. Só não percebeu que *já* está morto. Por mais que tente esconder a identidade para não macular sua antiga imagem, não adianta. Quando o mundo souber no que se transformou Dun-Cadal Daermon... a única lágrima derramada não vai ser de tristeza, mas de pena.

Não esperou pela resposta e desapareceu entre as pessoas, seguida pelo nêaga. Enquanto o ar frio da viela amenizava os odores de álcool e suor, ainda se perguntava se tinha conseguido atingir os pontos fracos dele. Debaixo da chuva, diminuiu o passo.

– Confie – aconselhou Rogant.

Confiar? Nem mesmo tinham se dado ao trabalho de avisá-la que se tratava de Dun-Cadal Daermon, e não de um simples soldado.

– Eu conheço esse homem há mais tempo que você – continuou Rogant. – *Ele* sabe o que faz.

Então, como se para confirmar suas palavras, uma voz soou atrás deles:

– Ei!

Viola virou-se devagar. Em pé junto à porta da taberna, Dun-Cadal parecia ainda mais lamentável que à mesa. A chuva escorria por seu rosto e talvez se misturasse a algumas lágrimas.

– O que sabe sobre Dun-Cadal? – rosnou, a voz oscilando. – Você vem *aqui*, senta-se à minha mesa e cospe no que fui. No que sou... no que serei... – Titubeante, ele cerrou os punhos. – O que você realmente sabe? – exaltou-se. – O que foi que a República lhe ensinou?!

Andou alguns passos e encostou-se num muro. O clarão de um raio iluminou seu rosto enrugado. Parecia tão... destruído.

– O que sabe da minha história? – perguntou, erguendo os olhos para o céu. – O que eu vi, o que eu fiz? O que sabe da batalha das Salinas?

Viola não se moveu. Limitou-se a ficar olhando para o homem recostado na fachada de uma casa, as botas cobertas de lama, o gibão de couro rachado, as mangas da camisa manchadas de vinho, e por fim disse:

– Pois então me conte.

2

A BATALHA DAS SALINAS

*Minha infância acabou
no dia em que, pela primeira vez,
eu hesitei.*

Estava fresco, apesar do céu cinzento. No entanto, algo estrondava. Um som que não parava de aumentar, sobrevoando o capim alto dos pântanos. Não havia trovoadas, apenas o brilho de pesadas nuvens brancas, arrematadas com toques de cinza como se para acentuar seu contorno. Não era preciso sol para cegar os homens postados na trincheira. Bastava o brilho das nuvens.

Não havia trovões, nem mesmo ira, apenas o sentimento de estar cumprindo seu dever.

Acontecera havia quinze anos.

– É melhor recuar, Dun-Cadal – aconselhou uma voz.

Uma sombra negra cruzou o céu formando um arco perfeito, seguida por um silvo estridente. Antes mesmo de o som se tornar grave, a bala de rocha e estopa revestida de graxa espatifou-se aos pés do cavaleiro, sem que ele sequer esboçasse um gesto de defesa.

– É mesmo? – murmurou Dun-Cadal fitando o horizonte com olhos faiscantes.

Diante dele se estendiam as salinas e os charcos, tão largos e extensos que o horizonte estremecia com o véu do calor. Mal conseguia distinguir os contornos do acampamento inimigo. Ao olhar para a cratera que efervescia a seus pés, contemplou os filetes de fumaça que saíam da bala de canhão ainda quente. Chutou-a com a bota para virá-la.

– Négus – disse, pensativo –, tenho a leve impressão de que o pessoal está ficando impaciente.

Então virou-se, com um sorriso zombeteiro.

– Será que vamos ter que ser grosseiros?

O homenzinho roliço, engolido por sua armadura, revirou os olhos antes de responder:

– Grosseira maior seria morrer antes mesmo do combate. É isso que você quer?

Fazia duas semanas que aguardavam nas cercanias das Salinas sem que nem um golpe fosse desferido. Apenas tiros de balista que nunca atingiam o alvo. O exército imperial, por sua vez, ainda não se utilizara da artilharia. Na medida do possível, a revolta das Salinas deveria ser contida sem derramamento de sangue. O imperador, no conforto do seu palácio em Émeris, achava que o medo inspirado por seus regimentos bastaria para os insurgentes deporem as armas. Mas, se em duas semanas ninguém desembainhara uma espada, tampouco alguma tinha sido abandonada no campo de batalha...

Dun-Cadal aproximou-se de seu companheiro de armas e afagou-lhe o ombro com firmeza.

– Não tema, Négus. Eu sempre sinto o cheiro da morte. Tirando o sal, nada por aqui tem feito minhas narinas coçarem.

Tinha cabelo castanho e curto, que esvoaçava ao vento. Uma barba rala emoldurava os lábios estreitos, e seu rosto, embora ainda bastante jovem, já trazia as marcas de muitas batalhas. E ele sabia que aquela não seria a última a enfrentar. Mal chegara e fizera questão de avaliar a situação antes que outros generais a apresentassem por ângulos mais promissores. Pulou para dentro da trincheira e esperou o amigo antes de seguir andando.

Perdera as contas de quantos combates tinham atravessado juntos, desde simples escaramuças até grandes campos de batalha. De todos os generais do Império, Négus sempre fora seu amigo mais próximo, seu igual, aquele que ignorava os boatos que circulavam sobre ele e sua personalidade rude. Ele pertencia à casa Daermon, cuja nobreza remontava a apenas um século. Já a família de Négus estivera ao lado de todos os poderosos deste mundo, dos primeiros reinos ao Império. No entanto, Anselme Nagolé Egos, vulgo Négus, afável por natureza, não via nisso um motivo para desprezar aquele que, inúmeras vezes, protegera sua vida no meio do caos. A amizade deles, conhecida por todos, não possuía fragilidades, era profunda como os vales dos territórios selvagens, resistente como a pedra das minas de Kapernevic. O perigo só a fortalecera. Estava próxima de uma verdadeira fraternidade.

Ao longo da trincheira, os soldados, com a lança ao lado, espreitavam o

horizonte. À passagem dos cavaleiros, fizeram questão de parecerem leais apesar da tensão e cumprimentaram-nos com o punho junto ao peito. Todos conheciam Dun-Cadal e sua intrepidez em combate. Todos nutriam por ele uma estima sincera. Vê-lo caminhar ao lado de Négus poderia reconfortá-los. Mas, embora fosse um bálsamo para seus corações, a mera presença dos dois não bastava. Estavam aflitos com a situação, tão penosa que beirava a tortura, como bem demonstrava o cheiro dos excrementos estagnados no fundo da trincheira. Estavam ali havia duas semanas e o acampamento já se ressentia das más condições das Salinas. Pântano e lama impediam os homens de evacuarem suas imundícies.

– Estão apavorados – observou Négus.

– Até que não demonstram muito.

– Melhor assim. Eles pertencem à unidade do capitão Azdeki.

– O sobrinho de Azinn? Aquele patife? – espantou-se Dun-Cadal.

– O pessoal da fronteira não o avisou? Já faz dois anos que ele é responsável por esta região. É ele que a tem controlado desde o início da revolta.

– Controlado! – zombou Dun-Cadal. – Esse idiota não controla nem a si mesmo.

– Ainda não houve nenhuma batalha – retorquiu Négus enquanto galgava a pequena escada escavada na terra que conduzia ao acampamento. – Pode-se dizer que tem controlado.

É mesmo? Étienne Azdeki, sobrinho do barão Azinn Azdeki, dos baronatos do leste de Vershã, não era conhecido por sua sabedoria, muito menos por seu talento como estrategista. O fato de o imperador tê-lo encarregado da região das Salinas podia ser visto como um simples erro, mas, com uma guerra despontando nessas terras, virava um autêntico desafio. Étienne Azdeki fora nomeado capitão sem nenhuma experiência de guerra. Agir como era *preciso* nunca fizera parte de suas prerrogativas. Em compensação, agir como *bem entendia* era sua única linha de conduta.

– Não importa – declarou Dun-Cadal. – Fui enviado pelo imperador para coordenar as tropas. O tal de Azdeki vai ter que se conformar em fazer o que eu mandar.

– Você está sempre tão seguro de si, não é, Daermon? – Négus sorriu.

– Aqui me sinto como se estivesse nos braços de uma cortesã! – respondeu o outro com um largo sorriso. – A guerra é como o amor, e o amor é como a guerra!

Dezenas de milhares de tendas verde-escuras se espalhavam pelos pântanos, em meio aos juncos e ao capim alto. Por todos os lados, cavaleiros de armadura

se exercitavam em combate singular no centro de rodas de espectadores atentos. A espera era mais perigosa que a própria batalha. O tédio entorpecia os soldados. Dava-lhes tempo de sobra para pensar no perigo que os ameaçava. Era capaz de acabar com sua espontaneidade na hora do enfrentamento. Duas semanas podiam ser pouco tempo numa guerra, mas eram o bastante quando nenhuma escaramuça vinha quebrar a inação. Dun-Cadal receava que os insurgentes das Salinas contassem com essa letargia para impor seu próprio ritmo.

Quando afastou as cortinas cor de púrpura da tenda do estado-maior, no centro do acampamento, soube que era tarde demais para controlar a revolta rapidamente.

– É principalmente aqui que estão concentrados...

Debruçado sobre uma ampla maquete que representava as Salinas, um cavaleiro de armadura preta mostrava uma linha que margeava uma pequena floresta. Na sua frente, um homem de uns 30 anos, de rosto macilento, nariz aquilino e os lábios finos contraídos, escutava atentamente, as mãos unidas às costas. No plastrão prateado da armadura, uma altiva águia segurava uma serpente com as garras. Era o emblema da família Azdeki, a herança de sua consagração à época das grandes batalhas que haviam oposto a civilização do Império aos nômades nâagas até estes serem subjugados.

– Nossos batedores tentaram se aproximar para descobrir quantas balistas eles têm exatamente, mas foram flagrados todas as vezes. Dois deles não retornaram.

Eram cinco cavaleiros ao redor da sumária representação do território, todos vestindo armaduras com as cores de suas casas, uma nobreza regional que, jurando lealdade à família imperial, mandava seus filhos à academia militar para que servissem honrosamente no grande exército. Somente os mais experientes alcançavam a patente de general. Devido à sua nomeação como capitão do condado de Uster, Étienne Azdeki tinha absoluta autoridade sobre os presentes. Eles não passavam de um reforço, todos submissos ao seu comando, embora fossem hierarquicamente superiores. Todos, exceto Dun-Cadal. Ao vê-lo, o jovem nobre retesou-se.

– Azdeki, multiplique por dois as balistas que vocês chegaram a ver enquanto investigavam a situação – declarou Dun-Cadal, indo em sua direção sem ao menos conceder um olhar aos cavaleiros que o saudavam.

– General Daermon – cumprimentou Azdeki em tom ríspido.

Ele se inclinou muito levemente. Esse simples gesto pareceu lhe custar muito.

– Azdeki – respondeu o general, sorrindo, antes de se dirigir aos demais: – É um prazer tornar a vê-los, e tão dispostos a chutar o traseiro de camponeses!

– Você não perdeu tempo – observou alegremente o homem de armadura preta.
– Vim o mais depressa que pude, Tomlinn, e custou a acreditar que a situação não evoluiu nada desde o início do conflito.

Dun-Cadal, com uma olhadela, reparou que o canto da boca de Azdeki se erguia num amargo sorriso. O imperador tinha mais respeito pelo general do que por qualquer outra pessoa. Circulavam boatos sobre os motivos do apoio, mas eram poucos os que podiam se gabar de saberem por quê. A mera ideia de uma amizade entre Sua Senhoria e um emergente, mesmo que fosse um general, era tão impensável que nem passava pela cabeça da maioria dos nobres. Em vez de ficar chateado, Dun-Cadal se vingava daquele desprezo contido não poupando comentários ácidos. Ninguém iria se queixar.

Estava ali a pedido de Sua Majestade Imperial a fim de consertar uma situação extremamente... embaraçosa.

– E agora me expliquem direito o que está acontecendo – pediu Dun-Cadal.

O tom de sua voz se abrandara. Embora não fosse estimado pelos generais, Dun-Cadal tinha por eles uma intensa admiração. Dois deles tinham inclusive sido seus colegas de academia, de modo que nutria por eles uma espécie de afeto. O sentimento não era recíproco, mas Dun-Cadal lidava bem com isso. Sabia que eram talentosos no campo de batalha, e era o que lhe interessava. Tomlinn, de armadura preta, cabeça calva e uma enorme cicatriz riscando o rosto, tomou a palavra, andando ao longo da maquete. Era um dos poucos que sentia alguma simpatia por Daermon.

– O condado de Uster está clamando por independência. E o restante da região das Salinas se uniu à sua reivindicação.

– Eu fiz o que precisava fazer – interveio Azdeki imediatamente.

Houve um silêncio pesado, que sua voz trêmula se esforçou para quebrar:

– Faz dois anos que venho tentando controlar a região, mas esses camponeses não aceitam o fato de terem sido traídos pelo conde de Uster. Estou apenas aplicando a lei!

Pouco importava a Daermon que Azdeki tivesse agido por ordem do imperador, e não lhe interessavam os motivos nem a forma como o caso tinha sido conduzido. Somente as consequências mereciam sua atenção.

– Esses camponeses formaram um exército que está enfrentando vocês e que não se intimida diante da força do Império – interrompeu Dun-Cadal.

– Achei melhor não atacar – argumentou Azdeki. – Além disso, o imperador confiou no meu discernimento. Não sou nenhum aficionado por guerras.

– Não tenho a menor dúvida – zombou o general.

– Daermon... – Négus suspirou atrás dele.

Ereto feito um poste, as mãos unidas às costas, Azdeki parecia em ebulição. Por um instante, o general até achou que ia responder à zombaria, mas ele aguentou o tranco e respirou fundo.

– Essa estratégia ainda pode funcionar – admitiu Négus. – Quando eles se derem conta de que temos no mínimo cem mil soldados e mil cavaleiros capazes de usar o Sopro... certamente vão entender que qualquer batalha seria inútil. E manteremos o Império intacto sem verter uma gota de sangue sequer.

– O conde de Uster era bastante estimado. Há quem diga que ele traiu o Império – acrescentou Tomlinn, aproximando-se de Dun-Cadal.

– Eles não confiam mais em nós – completou um homem corpulento com uma armadura cor de sangue. Em pé ao lado de Azdeki, ele moveu um bloco de madeira que representava uma legião do Império. – O sentimento de revolta enche-os de coragem, mas, quando perceberem quantos somos exatamente, vão admitir seu erro e tudo vai voltar ao normal.

– Isso é o que vocês esperam, e aí é que está o erro. Vocês deviam ter atacado desde o início – afirmou Dun-Cadal, afastando os blocos de madeira com a mão. – Deviam ter mostrado a nossa força, general Kay, em vez de esperar que eles a *notassem*. Não é nada disso. Eles estão entorpecendo vocês. Acreditem, pressinto esse tipo de coisa.

Kay deu um passo para trás, cabisbaixo. Já fazia algum tempo que conhecia Dun-Cadal e era um dos que sempre haviam criticado suas atitudes. Seguro demais... tão arrogante. O fato de, mais de uma vez, ele ter razão não justificava a falta de tato. O mundo estava mudando e ele parecia ser o único a não acompanhar a corrente, arraigado demais em suas certezas, confiante demais naquilo que, até então, estabelecera sua força e sua fama. Todos ali, ao contrário de Daermon, descendiam de altas linhagens. Ele era um emergente, um pretensioso... mas era melhor tê-lo como aliado do que como inimigo.

– O problema poderia estar resolvido. Vocês hesitaram em agir. Hesitaram e estão complicando as coisas... enquanto teria sido tão simples atacar primeiro. Brincadeira de criança.

– E se houver outro jeito além de... – arriscou Kay.

– Vocês discutem muito! – bradou Dun-Cadal.

Ouviu-se um assobio que aumentava de intensidade, forte, estridente, que varrou seus tímpanos.

– Chega de discussão – aconselhou, dentes cerrados, antes de gritar: – Abaixem-se!

O teto da tenda foi rasgado. Todos se jogaram no chão, mãos na cabeça, coração disparado. Uma bala de canhão atingiu a maquete, espalhando chamas vorazes nas laterais da tenda. Alguns segundos bastaram para o local virar uma autêntica fornalha, as chamas correndo pelas estacas de madeira feito ondas. De bruços, Dun-Cadal cuspiu a terra que engolira ao cair. Virou-se numa guinada e contemplou, impassível, a armadilha que os envolvia. À direita, viu a armadura vermelha de Kay se levantar, cambaleante.

– Kay! Venha comigo! – ordenou, enquanto lá fora trovejava.

Em meio à fumaça preta que se espalhava, via-se o vulto do roliço Négus ajudando Tomlinn e Azdeki a se levantarem. Dun-Cadal cuspiu outra vez e, mais autoritário, repetiu seu chamado:

– Kay!

– Estou aqui – respondeu este finalmente, com a voz embargada.

Como ele, o general uniu as mãos e, inspirando profundamente, levou-as à virilha direita. Uma ardência terrível tomou conta de seus pulmões. Abstraindo-se da dor, ambos projetaram os braços à frente, expelindo todo o ar que podiam. Um vento violento afastou as chamas, rasgando os panos da tenda que ainda se mantinham de pé, e quebrou as estacas ao meio. O fogo continuou se propagando pelo que restava do abrigo, mas o ar ardido das Salinas já dispersava a fumaça. O acampamento inteiro parecia em sobressalto. Os soldados corriam para as trincheiras aos gritos, os cavaleiros com as espadas em riste apontando o caminho. Do céu, despencavam balas de canhão inflamadas. Dessa vez os insurgentes das Salinas estavam acertando a pontaria.

Enquanto Négus escorava Azdeki, ainda atordoado, Dun-Cadal passou por eles com a mão no punho da espada.

– Vocês tinham que ter atacado primeiro! – bradou.

– Eles... Eles não são muitos – balbuciou Azdeki, os olhos avermelhados.

Em meio aos gritos dos soldados, um som seco foi ouvido, parecendo o andar de um gigante.

– Um ruargue... – sussurrou Kay, desembainhando a espada.

Não, não era um ruargue. Eram uns vinte ruargues, os pelos nas costas curvadas eriçados como farpas escuras, a enorme boca toda melada de uma baba branca, as compridas e fortes patas dianteiras martelando os charcos numa corrida ensandecida. Atrás das criaturas furiosas se erguia um paredão de chamas. Os insurgentes das Salinas tinham enfumaçado seus covis para tirá-los dali, despertando então aquela fúria destrutiva. Os camponeses certamente não eram muitos... mas era a região *inteira* que se rebelava.

– Uns bons 3 metros de altura – constatou Négus, afastando-se de Azdeki. – Seis toneladas de fúria.

Desembainhou a espada e pôs a mão com firmeza no ombro de Dun-Cadal.

– Ah, meu amigo, que vida boa a nossa!

Trocaram um sorriso antes de se dirigirem para as trincheiras. De lá, trataram de organizar as linhas de defesa. Os ruargues eram apenas uma prévia. Atrás deles vinham as tropas inimigas. Alguns cavaleiros permaneceram na retaguarda, coordenando os homens incumbidos de apagar os incêndios. As balas de canhão revestidas de estopa inflamada vinham ininterruptamente. Então, de súbito, restou apenas silêncio. Sob as nuvens brancas se insinuava um véu escuro, camadas de fumaça se movendo ao sabor do vento, logo varadas por uma saraivada de flechas. Empoleirados à beira das trincheiras, os arqueiros mais uma vez se armavam.

– Levantar! – ordenou Tomlinn, que se movia atrás deles brandindo a espada.

– Atirar!

Silvos, rugidos, crepitações... nenhum som chegava a encobrir as batidas do coração dos soldados, que viam, horrorizados, os vultos dos ruargues correndo para cima deles. Já estavam próximos demais para os arqueiros terem tempo de armar mais uma flecha. Mesmo que conseguissem, o pelo das criaturas era tão grosso que seria preciso mais que um pedacinho de metal para lhes furar a pele. Silvos, rugidos, crepitações... e os gritos que acompanharam o barulho ensurdecedor das bestas pulando nas trincheiras, a cara amassada contorcida de raiva. A fumaça preta se dispersava em filetes espiralados, entre os quais se mesclava o branco das nuvens com o cinza da ferragem, as couraças cintilantes ao marrom das sobrevestes. Até o vermelho do sangue aparecer e manchar a terra.

Ao longe, o som dos insurgentes que se aproximavam...

Alguns ruargues não conseguiram transpor a linha dos soldados, seus ventres imberbes e crivados de lanças. Os que cruzaram as trincheiras se refestelaram, criaturas selvagens sedentas de sangue mordendo, esmagando, arrancando tudo que estivesse ao alcance de suas mandíbulas. Preso na bocarra de um dos monstros, um soldado deu um urro de rebentar as cordas vocais. Lançado aos ares, caiu pesadamente alguns metros adiante. Já não vinha mais som de seu corpo estraçalhado. E, à palidez de seu semblante, juntou-se um fio de sangue escorrendo-lhe pelos lábios.

Os ruargues que semeavam o caos entre as fileiras daquele exército eram movidos apenas pelo terror das chamas. Criaturas tão apavoradas quanto apavorantes. A maioria conseguiu escapar pelos pântanos, arrastando consigo, enganchados

nas patas traseiras, pedaços de tenda, carroças quebradas... e, vez ou outra, cadáveres desconjuntados.

– Saíam! Saíam de perto dele! – ordenou Dun-Cadal quando um ruargue se viu cercado.

A criatura mostrava as presas, suas largas e proeminentes narinas se franziam, estremeciam, o pelo preto se eriçava nas costas curvadas. Por um momento, seus olhos se estreitaram. E então o ruargue atacou. Mal deu tempo para Dun-Cadal se esquivar afastando-se para o lado. Os três soldados que ainda estavam em seu caminho não tiveram a mesma presteza. Uma patada violenta os varreu como se fossem palha.

A roda logo tornou a fechar-se em torno do animal e Dun-Cadal escolheu o flanco para desferir o golpe. Nem chegou a arranhar sua couraça. O ruargue soltou um urro e firmou-se nas garras para se virar. O general recuou com um salto. Lanças atingiram a espessa pelagem do monstro e se quebraram, o que só o deixou ainda mais furioso. Ele arremeteu, rompendo o cerco. Alguns soldados foram pisoteados, outros, dilacerados por bruscas mordidas, até que a criatura, desafiadora, se ergueu apoiando-se nas patas traseiras. Dun-Cadal vislumbrou-a em meio à fumaça. O ponto fraco. O ventre. A única solução possível. Um golpe bem dado, por baixo da criatura, ali onde a pele, mais fina, revelava grossas veias roxas. Inspirou fundo, prendeu o ar e lançou-se em direção ao animal.

Sinta o Sopro, seja o Sopro. Sinta, Rã!

Seu coração batia tão devagar que mal conseguia ouvi-lo. Cada gesto, cada acontecimento ao seu redor tornou-se lento como o andar de uma lesma.

Aí é que está a magia. Nesse Sopro que você exala.

O ruargue tornou a se erguer, a bocarra escancarada.

É como música tocando, Rã... Não basta escutar. Sinta... legato...

Jogou-se no chão de joelhos, resvalando na terra úmida, vergando o capim alto. O tempo parou. Brasas estavam estagnadas no ar, seu vermelho vibrante sob o branco imaculado das nuvens.

Staccato...

As brasas rodopiaram, os capins se endireitaram, o coração do general disparou. Sentia tudo, percebia cada movimento, previa cada ação. Inclinando o corpo para trás, com a lombar quase encostando no calcanhar das botas, avistou o ventre exposto da criatura. Expeliu o ar dos pulmões, apontando a espada para a pele escura e estriada de veias.

Sinta o Sopro, Rã. Respire como a vida. Respire no seu ritmo... e ataque!

O ruargue voltou a bocarra em direção ao céu, urrando de dor quando a lâmina

perfurou seu corpo. Dun-Cadal rolou para o lado para não ser esmagado. O monstro desabou em meio a uma agonia lancinante.

– Lá vêm eles!

– Retomem suas posições! Alabardeiros! Quero os alabardeiros!

– Mantenham suas posições!

Mal conseguiam ouvir as ordens sob o rufar dos tambores. De joelhos na lama, Dun-Cadal fitava o cadáver ainda quente do ruargue. Antes mesmo de se levantar, uma flecha cravou-se a poucos centímetros do seu pé direito.

– Dun-Cadal! – chamou Négus atrás dele. – Dun-Cadal!

O general juntou-se ao amigo na borda das trincheiras. À frente, milhares de soldados desaparelhados avançavam ao ritmo do tambor de um jovem. Atrás, ressoou o ruído seco das cordas dos arcos. Ergueu-se uma saraivada de flechas, rasgando as nuvens de fumaça num silvo estridente. A primeira leva se abateu sobre os soldados, perfurando as armaduras, crivando os escudos, cravando-se na terra úmida.

Foi esse o batismo da batalha das Salinas. O primeiro confronto entre os dois exércitos. Breve, mas sangrento. O Império primava pelo número, e os insurgentes, pelo efeito-surpresa. A debandada dos ruargues abrira inúmeras brechas nas fileiras da tropa, o bombardeio da artilharia causara incêndios no centro do acampamento. Os rebeldes tiravam vantagem de um caos sabiamente orquestrado. Os cavaleiros precisaram de sangue-frio para reorganizar os soldados. Estrondo, trovão, choques de espadas, corpos se jogando uns sobre os outros, gritos... estrondo... trovão... E o Sopro... Era isso que os insurgentes não tinham, e sabiam disso. Assim que os generais recorreram ao Sopro, bateram em retirada.



No total, a primeira batalha das Salinas não durou mais que dez minutos. Dez meros minutos em que foram abatidos dois mil soldados. De pé na beirada de uma trincheira, observando a luz do sol cair sobre os corpos imóveis em meio ao deteriorado capim alto, Dun-Cadal praguejava contra a hesitação de Azdeki. Haviam sido criadas todas as condições para que o Império sofresse tamanha humilhação. Em uma semana, metade dos reinos saberia do levante das Salinas. Camponeses enfrentando o maior de todos os exércitos. O povo adorava histórias desse tipo. Contanto que não tomasse o partido das Salinas. Conter a região já não parecia ser nada fácil: se outros condados ou baronatos também viessem com veleidades de independência, a situação logo se tornaria impossível de

administrar. Já não seria uma simples revolta, mas uma revolução. Empoleirado na armadura partida de um cadáver, um enorme corvo negro bateu as asas ao mergulhar o bico numa ferida aberta.

– O céu está vermelho... – começou Négus.

Dun-Cadal assentiu, deixando o olhar devanear pelas salinas. Sob as nuvens cinzentas, a luz do sol poente tecia um instigante véu acobreado logo acima do capinzal. Négus parou ao lado do general, os polegares enfiados no cinturão, um grande corte ainda vermelho numa das faces e concluiu, suspirando:

– ... como acontece muitas vezes no entardecer que se segue a uma batalha.

– O que eles querem? – perguntou Dun-Cadal de repente. – O que estão buscando? Guerra? Porque isto já deixou de ser uma simples rebelião.

– Já tivemos combates mais difíceis. E eles acabaram batendo em retirada. Daqui a dois meses ninguém mais vai falar no assunto.

– Não, Négus, meu amigo – retrucou o general, balançando a cabeça, uma expressão de nojo em seu rosto. – Eles venceram. – Fitou o olhar perplexo do homenzinho teso em sua armadura manchada de lama. – Eles sabem o que estão fazendo, acredite. Isto é só o começo. Todo mundo vai se lembrar da batalha das Salinas porque eles vão conseguir humilhar o Império.

Atrás deles, o acampamento ainda fumegava, tendas rasgadas e soldados claudicantes... Tudo era uma completa desordem.

Nos dias seguintes, Dun-Cadal tentou retomar o controle da situação colhendo todas as informações disponíveis sobre as forças adversárias: Quem? O quê? Como? Depois da condenação do conde de Uster, Étienne Azdeki ordenara a dissolução do corpo da guarda do condado das Salinas. Com isso, e considerando a estratégia empregada pelos inimigos, imaginava que o antigo capitão Meurnau assumira a liderança da revolta. Durante dois meses foram alvo de ataques ligeiros, escaramuças que os impediam de avançar pelos pântanos. Os inimigos usaram repetidas vezes a mesma tática, enfumaçando os gigantescos covis dos ruargues e impelindo as criaturas apavoradas para os postos avançados antes de dar o golpe de misericórdia. Perdido no capinzal, o exército imperial tentava a duras penas, se não avançar, ao menos não recuar. Por conta dos pântanos profundos que os soldados desconheciam – e nos quais se afogavam inúmeros homens lastrados por suas armaduras –, dos ruargues que se deliciavam com sua carne e da perseguição das tropas adversárias, a batalha das Salinas não demorou a atingir uma triste notoriedade.

O inferno estava na Terra... e ardia nos pântanos.

O general Kay e cinquenta de seus homens morreram tentando construir uma

ponte sobre o rio Seyman. Ele foi apenas um dos primeiros generais a cair. Além dos combates, tinham que enfrentar as doenças trazidas pelos mosquitos das Salinas e a água pútrida dos charcos. Pouco importavam o suor escorrendo no rosto dos soldados ou seu olhar fixo e febril: era preciso estar de prontidão.

– Quero essas catapultas consertadas quanto antes! – ordenou o capitão Azdeki.

Diante dele, três soldados doentes davam mostras de exaustão. Havia dois dias que não dormiam e, em estado febril, consertavam as duas catapultas avariadas no último ataque. Desde a chegada do general Daermon, Azdeki procurava afirmar sua autoridade a todo momento. E isso os soldados percebiam muito bem.

– Elas têm que estar em condições de funcionar no final da tarde – continuou Azdeki, com expressão tensa.

– Sim, capitão – respondeu um soldado com voz fraca.

– Nada de descansar antes de...

– Façam três horas de pausa!

Azdeki virou-se de repente. Acompanhado de Négus, Dun-Cadal passou por trás dele sem dirigir-lhe nem um olhar. Preferia dar sua atenção aos soldados cambaleantes.

– Vocês mal se aguentam em pé – constatou Dun-Cadal. – Vão descansar. Azdeki, as catapultas terão que esperar, os homens são nossa prioridade.

Os soldados não conseguiram conter um sorriso aliviado, que mal disfarçaram quando Azdeki os fuzilou com o olhar.

– General Daermon! – chamou ele.

Nem Dun-Cadal nem Négus, que o seguia, detiveram seus passos.

– General Daermon! – repetiu Azdeki.

Os dois homens entraram numa grande tenda roxa que ostentava os símbolos dourados do estado-maior, uma fina espada cercada por uma coroa de louros.

Com os punhos cerrados, ele também entrou na tenda. Sentado numa pequena poltrona, Dun-Cadal, praguejando, tirava as botas enlameadas. Négus, a um canto, servia dois canecos de vinho.

– General Daermon! – bradou Azdeki. – Com que direito...

– Relaxe, Azdeki – interrompeu Dun-Cadal num tom tremendamente calmo.

– Está tão vermelho que sua cabeça vai explodir.

– Explodir? Explodir?! – indignou-se Azdeki, abrindo os braços. – Está passando dos limites!

– Você está sob meu comando. E também vai tirar três horas de descanso.

Négus, num canto escuro, esboçou um sorriso enquanto levava o caneco aos lábios.

– Não tenho tempo para descansar! Ninguém aqui... tem tempo... para descansar, Dun-Cadal. E exijo que, na frente dos meus homens, você me chame pela minha patente: *capitão* Azdeki. – Estava furioso. Também estava sem dormir, ou dormira muito pouco, havia vários dias. – Você chega aqui por ordem do imperador, altivo e arrogante, me rebaixa na frente dos meus homens, contesta minhas ordens sabe-se lá por quê...

– Talvez porque não sejam boas – sugeriu Dun-Cadal, tirando a lama de uma das botas.

– Ora, por favor, me poupe! – exaltou-se o capitão, apontando para ele com um dedo acusador. – Minha família também é próxima do imperador e sei bem como e por que você galgou tão rapidamente todos esses degraus! Nunca se esqueça, Dun-Cadal! Nunca se esqueça de onde você vem nem do que fez para se tornar general. Não foi, de modo algum, por sua honra.

Dun-Cadal não franziu as sobrancelhas nem mesmo levantou a cabeça ou pareceu se importar. Limitou-se a tirar o excesso de lama do couro de suas botas com o dorso da mão. Concentrado na tarefa, falou num tom assustadoramente seco:

– E você nunca se esqueça de que é apenas um capitão... Azdeki. E de que estamos nesta situação, com tantos homens mortos, por culpa sua. Não se esqueça de que, se não tivesse brincado no colo do seu tio quando criança, você nem estaria nesta tenda falando comigo.

Parou de esfregar a bota quando os panos da entrada da tenda esvoaçaram à saída de Azdeki.

– Você não deveria ter dito isso – observou Négus, trazendo-lhe um caneco de vinho.

– A raiva dele vai passar – resmungou Dun-Cadal.

– Não se trata de raiva, meu amigo... – Négus se inclinou para ele com ar tristonho. – Você o humilhou...

Era muito pior. Estavam lidando com insurgentes, e criar tensões no meio das tropas, principalmente no próprio estado-maior, equivalia a suicídio. Era como admitir a derrota.

– Ele é suscetível demais – minimizou Dun-Cadal. – Deve ser por causa da consanguinidade.

Négus achou melhor não responder e, a passos lentos, foi se sentar num velho baú, o olhar perdido em seu caneco. As querelas entre as antigas famílias do Leste e as do Oeste, recentemente nobilitadas, eram corriqueiras. Entre Daermon e o último dos Azdeki, o problema ia além. Mais dia menos dia, haveria sangue derramado.

– É tão difícil para você engolir que ele foi pessoalmente condecorado pelo imperador? – perguntou Négus em tom baixo.

Dun-Cadal ficou um instante sem responder, tirando cautelosamente as luvas de aço. Quando terminou, deixou escapar um suspiro antes de se virar para o amigo com uma expressão afetada.

– Meu avô começou como capitão, você sabia? Contra o reino de Tule. – Um sorriso estranho fez de sua boca uma linha, enquanto o olhar percorria o interior da tenda. – O primeiro da casa Daermon... Ah, os Tules... Esses descrentes foram duros na queda...

Uma missão divina: fora isso a tomada do reino de Tule. Levar a eles a luz dos deuses e do Livro Sagrado. Emocionava-se ao imaginar seu ancestral pegando em armas e guerreando por uma causa justa. Os Daermons tinham conquistado sua nobreza com sacrifício.

– Quando Tule foi tomada, ele descobriu lá uma biblioteca gigantesca – prosseguiu Dun-Cadal. – Eles próprios escreviam seus livros, sabia? Davam-se esse direito! Que... – Sua voz ficara embargada. – Ele queimou todos aqueles livros – prosseguiu, meneando a cabeça. – Queimou. Então uns soldados de Tule vieram para cima dele e de seus homens. Ele perdeu um braço.

– Bem, sei quanto seu avô se dedicou ao Império, Dun-Cadal, não é essa...

– É, sim! – interrompeu o general em tom seco. – A questão é justamente essa. A família Azdeki teve grandes cavaleiros, além de grandes estadistas, mas Étienne não é um deles! Por acaso ele já tinha desembainhado a espada antes de vir para as Salinas? Já tinha provado sua coragem? A família dele combateu as grandes invasões dos nâagas, mas ele foge quando os vê. São homens desse tipo, Négus, que um dia ainda vão acabar com o Império. Nem todo nobre é um cavaleiro. Todo cavaleiro precisa merecer esse título.

– Ele cursou a academia militar – rebateu Négus, mantendo a calma. – Como todos nós. – Tomou um gole de vinho fitando Dun-Cadal, que estava cabisbaixo, trincando os maxilares. – A condecoração dele foi merecida.

– Há homens morrendo sob as ordens dele.

– Sob as suas também já morreram muitos.

– Mas não à toa – garantiu Dun-Cadal com veemência. – Você colocaria a sua vida nas mãos de Étienne Azdeki? Colocaria, em plena batalha? Responda, Négus...

Por fim, fitou os olhos do amigo. A ira enfim se atenuava por trás de seu ar confiante. Ele tinha certeza de estar vencendo a discussão.

– Não... – confessou Négus debilmente.

– Homem nenhum faria isso – concluiu Dun-Cadal. – Nenhum. Ele não tem carisma suficiente para que os homens o sigam. E sempre irá tomar decisões erradas em caso de perigo.



Somente algumas semanas depois Dun-Cadal compreendeu a que ponto estava enganado a respeito de Étienne Azdeki. Isso foi antes de ele conhecer o garoto.

Embora Kay não tivesse conseguido construir uma ponte que permitisse cruzar o rio Seyman e avançar pelas terras das Salinas, a ideia não havia sido descartada. Foi despachada uma nova expedição, liderada por Tomlinn, Azdeki e o próprio Dun-Cadal. Se quisessem dar fim ao conflito, precisavam tomar a cidade de Forte d’Aed, que ficava do outro lado do rio.

Movendo-se com cuidado pelos pântanos havia, no mínimo, sessenta homens, dos quais cerca de metade puxava os pedaços da ponte. Os três oficiais, a cavalo, andavam de um lado para outro motivando seus homens. Raras vezes se permitiam um palavrão, conscientes de que se tratava de uma árdua tarefa. Já carregando o peso das armaduras e das armas, os soldados ainda tinham que arcar com o peso da madeira. E a esse esforço se somava o cheiro pestilento do lodo. Naquele lugar, as salinas se misturavam aos charcos.

Estavam a apenas uma hora de caminhada do rio quando algo entre os juncos chamou a atenção de Dun-Cadal, que seguia à frente como batedor. Puxou as rédeas da montaria para fazê-la recuar e trotou até Tomlinn, que vinha à frente do cortejo.

– Estão nos observando.

– Também tive essa impressão – concordou Tomlinn, com o semblante sério.

– Acha que são quantos?

– Sei lá... talvez uns dez. Batedores – sugeriu Dun-Cadal em voz baixa.

A oeste, sob os raios escarlate do sol poente, alguns juncos oscilavam de modo estranho em meio ao capim alto, como se alguém os apartasse com extrema precaução. Só havia um jeito de conferir. Dun-Cadal lançou um olhar de divertimento para Tomlinn antes de esporear os flancos de seu cavalo. Galopou até o capitão Azdeki, na outra ponta da fileira e, tão logo o alcançou, avisou:

– Movimentação a oeste. Mantenha a formação cerrada, mas prepare-os para revidar.

– Estamos contornando o inimigo, general Daermon... Devem ser apenas animais selvagens. Seria perda de tempo – protestou Azdeki.

– É uma ordem – murmurou Dun-Cadal, os maxilares trincados –, capitão Azdeki – acrescentou com um sibilo.

Embora tivesse certeza de estar com a razão, o jovem capitão limitou-se a obedecer e, avançando enquanto o general seguia na direção de Tomlinn, alertou seus soldados:

– Fiquem de sobreaviso. Perigo a oeste. Sejam rápidos quando chegar a hora.

Animais selvagens... ou insurgentes. A possibilidade de Azdeki ter razão nem passou pela cabeça do general. Esse rapaz presunçoso sempre fizera as escolhas erradas. Por que agora seria diferente? Acompanhado por Tomlinn, apartou-se da tropa. Seu cavalo reagiu, como se ciente da proximidade do perigo. Um tapinha no pescoço fez com que ele retomasse a marcha. No capinzal, não havia nada que parecesse uma ameaça. Alguns mosquitos zumbiram em seus ouvidos, o cheiro do lodo estava quase insuportável. Mas nem sinal de inimigos.

Os cascos dos cavalos se atolavam, tornando a marcha cambaleante. Mais alguns metros e já não conseguiriam se livrar da armadilha natural do lamaçal. Embrenharam-se nos charcos, o capim alto tornando a fechar-se atrás deles com um leve farfalhar. Logo os soldados ao longe já não passavam de vultos, para além dos juncos deformados pelo calor.

O vento se intensificou, curvando o capim alto, traçando sulcos na água estagnada. E, junto com a brisa, ouviu-se um longo rugido.

– Dun-Ca...

Um vulto negro irrompeu do pântano, arrastando Tomlinn sem que este tivesse tempo para reagir. Sem seu cavaleiro, o cavalo empinou, relinchando antes de fugir para oeste. Um rosnar, e outro, e mais um, serpenteando entre os juncos. Desembainhando a espada num gesto preciso e segurando as rédeas com mão firme, Dun-Cadal sentia suas têmporas martelarem feito tambores. Viu os vultos balançando os ombros no capinzal.

– Azdeki! – berrou. – Azdeki!

Mas seu chamado ficou sem resposta. Num movimento brusco, forçou sua montaria a dar uma meia-volta arriscada. Os cascos afundaram ainda mais no lodo.

– Azdeki! – voltou a bradar.

Ao longe, o capitão ordenava aos seus homens que avançassem.

– Santa Miséria! – praguejou Dun-Cadal.

Por fim enxergou-os com mais clareza. Três ruargues, de pelagem verde malhada de preto, soltaram um som com ares de bravata.

– Tomlinn! – chamou ele, cortando o ar com a espada. – Tomlinn!

Um grito de dor se ouviu a poucos metros dali, sob as costas curvas e agitadas de uma das criaturas.

– AZDEKI!

O impacto foi tão violento que ele quase chegou a ouvir as próprias costelas se quebrando. As mandíbulas do ruargue se fecharam em seu antebraço, as presas por pouco não perfuraram o metal antes de arrastar o general em sua queda, e junto dele o cavalo relinchava de pavor, os olhos sobressaltados, duas bolotas de azeviche rodeadas de branco.

Houve um choque, seguido de um som que lembrava um pano sendo rasgado, quando o ruargue estripou o cavalo no chão. Um estalido seco e Dun-Cadal sentiu sua perna se quebrar sob o peso da montaria. Preso, o rosto mergulhado no lodo fétido, ele vislumbrava o cimo do capim, que dançava lentamente ao vento.

– Azdeki!

Estava tudo tão calmo longe dos resmungos do ruargue que iniciava sua refeição. Suave como o filete de sangue que abria um sulco na lama, mesclando-se à água imunda dos charcos para lhe dar a aparência do vinho...

Rã... Vou chamá-lo de Rã...

Um vinho amargo e rascante a ondular no caneco de um velho cavaleiro perdido em Massália. Bem longe dos charcos das Salinas. O gosto do lodo, porém, ressurgia em sua boca. Tomou um gole para dissolver as recordações na bebida.

– Rã...



– Rã? – perguntou Viola.

Com o olhar perdido, Dun-Cadal balançou a cabeça, sem saber direito para onde se virar. Já não havia muita gente na taberna. Há quanto tempo estava falando? Tempo demais para o seu gosto. Mais uma vez, deixara-se levar pela embriaguez. Em outra mesa, os mercadores de Serray cantarolavam, quase no fundo do poço, pálpebras pesadas, jarras vazias. O homenzinho que suplicara a Dun-Cadal se aproveitava da desatenção deles para esvaziar seus bolsos.

– Hã?

– O senhor disse: “Eu chamei Azdeki com todas as minhas forças, Azdeki, Azdeki” – relatou Viola. – E então, do nada, o senhor falou “Rã”.

Embora a taberna estivesse quase vazia, uma densa nuvem de fumaça ainda pairava no ar.

– Ah. – Dun-Cadal suspirou. Então acrescentou, com um tom envergonhado, um sorriso triste e sofrido: – Rã é o garoto. O garoto que salvou minha vida.

Seria a fumaça irritando seus olhos a ponto de deixá-los vermelhos? O semblante dele se endureceu em seguida. Sim, tinha conversado demais, falado demais, contado demais.

– Não é nada... Melhor esquecer isso tudo – declarou, com excesso de saliva na boca.

– Ele bebeu demais – afirmou o taberneiro, que recolhia as jarras vazias da mesa vizinha. – Vocês deviam acompanhá-lo.

Surpresa, Viola ergueu as sobrancelhas.

– Até a casa de Mildrel, a cortesã. Fica a duas ruas daqui. É onde costumam deixá-lo quando já não passa de um barril ambulante – explicou, antes de voltar para trás do balcão a passos pesados e cansados.

Dun-Cadal inclinava-se perigosamente para a frente, o nariz batendo no caneco, olhos semicerrados.

– O garoto... – disse Viola, pensativa.

E, como se não tivesse perdido seu vigor, o cavaleiro levantou a cabeça, um brilho estranho em seus olhos arregalados, tal qual o cintilar de uma lâmina.

– O maior cavaleiro que este mundo já viu.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

